



**II SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DO IFPE – CAMPUS CARUARU  
17 a 21 de outubro de 2011  
Caruaru – Pernambuco – Brasil**

## **O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO CIENTÍFICO: ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO**

**Adriano Ribeiro da Costa, ar\_costa@hotmail.com**

Instituto Federal de Pernambuco – IFPE, *Campus* Caruaru e DEaD, e Faculdade Sete de Setembro – FASETE, Estrada do Alto do Moura, km 3,8 - Distrito Industrial III - CEP: 55040-120 – Caruaru/PE.

*Resumo:* Este artigo tem como objetivo descrever o gênero textual Artigo Científico, apontando as diferenças e semelhanças de estruturas textuais entre seus tipos. Partindo-se da posição de que os gêneros são eventos comunicativos caracterizados por um conjunto de propósitos comunicativos (função) e por serem tipos relativamente estáveis de enunciados (estrutura), a hipótese considerada é que a estrutura do Artigo Científico é condicionada à função social do mesmo. A pesquisa, de caráter bibliográfico, orientou-se em estudos realizados sobre Artigo Científico, nas áreas de Metodologia Científica e de Linguística Textual. Observou-se que os artigos apresentam formas diferentes de textualização do conteúdo temático, porém contêm uma estrutura básica, consistindo de: título, nome do autor, introdução, corpo do artigo, conclusão e referências.

*Palavras-chave:* Gênero Textual, Artigo Científico, Estratégias de Organização.

### **1. INTRODUÇÃO**

A produção de artigos científicos é uma atividade frequente no meio acadêmico. Diante desse fato, estudantes que tenham uma concepção clara do que seja artigo científico e quais os tipos, e que conheçam as estruturas desse gênero textual têm maior possibilidade de produzirem mais proveitosamente esse texto do que estudantes que não tenham recebido tais informações.

Percebendo as dificuldades que os estudantes enfrentam ao se depararem com a produção desse gênero textual, faz-se necessário especificar o conceito de artigo científico, seu objetivo comunicacional, seus tipos e estrutura composicional, permitindo, assim, que os estudantes tenham melhores condições de produzirem esse texto.

Considerando o exposto acima, o objetivo deste trabalho é oferecer subsídios aos estudantes, principalmente, para que eles possam desenvolver e/ou aprimorar sua própria capacidade de produção de artigos científicos; pois se acredita que a explicitude da organização desse gênero auxilia o estudante na sua empreitada ao mundo escrito.

Para alcançar tal objetivo, pretende-se fazer uma descrição detalhada desse gênero. Para tanto, primeiramente, ir-se-á fazer a conceituação, caracterização, histórico e classificação do gênero artigo científico; em segundo lugar, far-se-á a descrição da superestrutura dos artigos científicos, ou seja, da construção composicional.

### **2. O GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO**

Os textos produzidos em contexto acadêmico, chamados de textos científicos, subdividem-se em muitos gêneros (monografias, dissertações, teses, etc.), e um desses gêneros é o artigo científico.

Para Marcantonio (1993), “Os artigos científicos são resultados de estudos completos de um dado objeto de pesquisa. Não chegam a constituir-se em matéria para dissertações, teses ou livros. Apresentam as pesquisas realizadas e são publicados em revistas ou periódicos especializados”.

Complementando o que foi dito acima, Lakatos e Marconi (1991) afirmam que os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro.

Os artigos científicos distinguem-se dos diferentes tipos de trabalhos científicos (monografias, teses, dissertações etc.) pela sua reduzida dimensão e conteúdo. Seu propósito é comunicar os resultados de pesquisas, ideias e debates de uma maneira clara, concisa e fidedigna; servir de meio de comunicação e de intercâmbio de ideias entre cientistas da sua área de atuação e levar os resultados do teste de uma hipótese, provar uma teoria (tese, trabalho científico).

## 2.1. Caracterização

Segundo Lakatos e Marconi (1996), o texto científico, neste caso o artigo científico, deve obedecer a algumas regras: “Os trabalhos científicos devem ser elaborados de acordo com normas pré-estabelecidas e com fins a que se destinam. Serem inéditos ou originais e contribuirão não só para a ampliação de conhecimentos ou a compreensão de certos problemas, mas também servirem de modelo ou oferecem subsídios para outros trabalhos”.

Dentro dessa perspectiva, Leibrunder (2002) afirma que os textos de divulgação científica estão fundamentados nas convenções linguísticas próprias ao texto científico, como por exemplo: o emprego de uma linguagem objetiva, concisa e formal; o padrão lexical (nominalizações, vocabulário técnico e emprego de verbos na 3ª pessoa do singular, acrescido da partícula “se” (índice de indeterminação do sujeito), ou na 1ª pessoa do plural (sujeito universal, ocasionando o apagamento do sujeito). Semelhantemente também, os artigos científicos apresentariam essas características.

Para Leibrunder, esses índices de impessoalidade são considerados como mecanismos argumentativos, objetivando provar a veracidade e legitimidade do discurso proferido, como também uma forma de afastamento do “eu” e de neutralidade, resultando em uma espécie de inquestionabilidade do discurso proferido. Porém é falsa essa impressão de neutralidade passada no discurso científico, pois a escolha do tema e a forma como o texto será construído prova a existência de um sujeito do discurso.

Assim, para a construção da discursividade, a subjetividade é um fator extremamente relevante. Benveniste (1991) define subjetividade como a “capacidade do locutor em se propor como sujeito”. Esse se propor como sujeito não significa que o autor do texto o produzirá sem seguir padrões ou regras típicas desse ato, mas que pertence a ele a escolha do tema sobre o qual escreverá, os autores que fundamentarão seu texto, etc.

Essa subjetividade será apresentada nos artigos científicos através das modalizações e das citações. As modalizações são as avaliações formuladas sobre alguns aspectos do conteúdo temático. Elas contribuem para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e para orientar o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático (Bronckart, 1999). As modalizações são realizadas por unidades ou conjuntos de unidades linguísticas chamadas de modalidades. As modalidades seriam representadas por tempos do verbo no futuro do pretérito, auxiliares de modalizações (poder, querer, ser necessário, ser preciso, dever, etc.), subconjunto de advérbios (certamente, sem dúvida, talvez, etc.), certas frases impessoais (é evidente que..., é possível que...), etc. Já as citações são uma forma “camuflada” de apresentar a subjetividade do autor e garantir a cientificidade de seu texto; pois, num texto científico não se deve, pelo menos superficialmente, ser subjetivo. Assim, as citações seriam um tipo de corroboração ao que é afirmado por aqueles que não têm, ou têm pouca autoridade no assunto sobre o qual escrevem.

## 2.2. Histórico

Swales (1990) apresenta um breve histórico do artigo científico (AC) nos últimos 300 anos, dando uma visão diacrônica, a fim de provar que, como todos os gêneros vivos, o AC está continuamente se modificando.

Segundo Swales, o AC surgiu, na forma embrionária, com o estabelecimento do primeiro periódico científico, “The Philosophical Transactions of the Royal Society”, em 1665. O desenvolvimento do AC se deu a partir das cartas informativas que os cientistas trocavam entre si. Os primeiros ACs tinham a forma da primeira pessoa como nas cartas, e alguns até possuíam saudações. Como o periódico Transactions e as revistas subsequentes começaram a assumir um papel de prover um ambiente regular para discussão, isso fez surgir um novo gênero, distinto da origem dessas cartas, chamado AC.

No início, os ACs eram narrativas extensas de experimentos científicos. E a utilização da pessoa (1ª singular/1ª plural) é um resquício daquela origem histórica de relatos pessoais.

Conforme Bazerman (citado por Swales, 1990), no final do século XVIII, uma reconfiguração do AC começa a se estabelecer.

Na medida em que os fenômenos começam a ser tratados como mais problemáticos, os artigos passam a tomar uma organização diferente, abrindo com uma introdução aos fenômenos problemáticos, frequentemente substanciada com a história de um experimento que não saiu de acordo com as expectativas. Com o problema estabelecido, o artigo deveria descrever cronologicamente uma série de experimentos almejados para chegar ao fundo do mistério. Transições entre cada dois experimentos poderiam desenhar conclusões do experimento prévio e apontar para a razão ou a necessidade do subsequente. Na continuidade altamente desenvolvida observamos o experimentador chegar gradualmente a uma compreensão adequada do fenômeno, que deveria ser relacionado numa síntese conclusiva ou explanação dos fenômenos como nas investigações de Hewinson sobre a natureza do sangue.

Já os ACs do século XX apresentam algumas diferenças dos ACs do século XVIII. Eis algumas características que diferenciam os ACs anteriores dos de hoje:

**Extensão dos ACs:** De 1893 para 1900, a extensão média dos artigos caiu de 7.000 para 5.000 palavras. Com poucas flutuações, eles continuaram com aproximadamente 5.000 palavras até 1940. Em 1980, a extensão dos ACs cresceu para aproximadamente 10.000 palavras. Atualmente, os ACs se tornaram mais compactos;

**Referências:** Entre 1890-1980, as referências eram de aproximadamente 10 por AC, mas raramente se relacionavam com descobertas específicas ou com os tópicos específicos investigados pelos autores. Em 1910, o número de

referências tinha se tornado rigorosamente reduzido, mas as poucas que permaneceram eram todas recentes, tinham datas e relevância direta com a pesquisa em foco. Daí em diante, o número de referências tem se multiplicado;

**Características sintáticas e lexicais:** Não houve muita variação no tamanho das frases, que tinham em média 25 palavras. As sentenças relativas diminuíram em frequência, enquanto que as sentenças nominais e as subordinadas temporal e causal se tornaram mais frequentes. No nível lexical, os conteúdos das sentenças principais se tornaram mais abstratos. Mudanças significantes na função do verbo principal também ocorreram – a voz passiva deu lugar à voz ativa;

**Material não verbal:** Durante o período, houve uma diminuição no número de figuras e no número e tamanho das tabelas. Por outro lado, houve um crescimento no número e na complexidade de gráficos e equações;

**Organização:** Antes de 1950, apenas 50% dos artigos eram formalmente divididos em seções tituladas; depois de 1950, os títulos das seções se tornaram uma característica regular. Desde então, as seções de discussão e conclusão se tornaram mais comuns e cresceram em tamanho e complexidade. Já as seções de método e aparato geralmente diminuíram.

Vale salientar que essas eram as características para os artigos da área de física, química, matemática e biologia.

### 2.3. Classificação dos Artigos Científicos

O conteúdo dos artigos científicos pode abranger os mais variados aspectos: pode versar sobre um estudo pessoal, uma descoberta, ou dar um enfoque contrário ao já conhecido; oferecer soluções para questões controversas; abordar aspectos secundários, levantados em alguma pesquisa, mas que não seriam utilizadas na mesma, etc. Em geral, apresenta temas ou abordagens novas, atuais, diferentes. Assim, de uma forma geral, existem duas categorias de artigos científicos: 1- *Artigos Científicos Originais*: Informam sobre os resultados de pesquisa obtidos, descrevem métodos, técnicas e processos, apresentam novas ideias, etc. Um texto pertence a essa categoria quando: Contribui para ampliar consideravelmente o conhecimento ou a compreensão de um problema (informações primárias); está redigido de tal maneira que um pesquisador competente possa repetir os experimentos, observações, cálculos ou raciocínios teóricos do autor e julgar as suas conclusões e a precisão de seu trabalho. Alvos: Revistas, Conferências, Simpósios. 2- *Artigos de Revisão*: É um estudo sobre um determinado assunto, em que são reunidas, analisadas e discutidas as informações já publicadas. Os autores mais criativos desse tipo de estudo em geral o complementam com um número considerável de informações primárias (originais). O autor deve ter em conta todos os trabalhos publicados que fizeram avançar o tema e os que o teriam feito avançar se tivessem sido considerados. Alvos: Publicações internas, Inícios de Projetos de Pesquisa, ACM Computing Surveys.

Segundo Lakatos e Marconi (1991), quanto à análise do conteúdo, os artigos podem ser classificados em: argumento teórico, artigo de análise e artigo classificatório.

No artigo Argumento teórico, são apresentados argumentos favoráveis ou contrários a uma opinião. Primeiro, enfoca-se um dado argumento e depois os fatos que possam prová-lo ou refutá-lo. O desenrolar da argumentação leva a uma tomada de posição.

Por ser uma forma de documentação difícil, o artigo Argumento teórico é empregado, geralmente, por especialistas experientes. Requer pesquisa profunda e intensa para coletar dados válidos e suficientes.

No artigo de Análise, o autor faz análise de cada elemento constitutivo do assunto e sua relação com o todo. A análise engloba: descrição, classificação e definição do assunto, tendo em vista a estrutura, a forma, o objetivo e a finalidade do tema. Entra em detalhes e apresenta exemplos.

Não é muito comum, na literatura moderna, encontrar um artigo totalmente analítico.

No artigo Classificatório, o autor procura classificar os aspectos de um determinado assunto e explicar suas partes. Inicialmente, faz-se a divisão do tema em classes, com suas características principais. Depois, apresenta-se definição, descrição objetiva e análise.

O artigo Classificatório é o mais útil, dentre as formas de documentação técnica.

### 2.4. Superestrutura dos Artigos Científicos

Os textos apresentam características próprias, ditadas pela natureza do evento. Entre essas características estão a estrutura do evento e o estilo. Segundo Coracini (1991), o texto científico é dirigido ao grupo de especialistas na área, pressupondo um público que conhece a matéria, os métodos utilizados usualmente na área e que se interessa pela pesquisa a ser relatada. Assim, esse fator é decisivo na superestrutura do texto científico (estrutura do evento), além de repercutir na seleção lexical e nas estruturas sintáticas (estilo).

Van Dijk (1992) afirma que os textos se diferenciam entre si não apenas por suas diferentes funções comunicativas e sociais, mas também porque possuem diversos tipos de construção, isto é, as superestruturas. Essas superestruturas apresentam duas características básicas: funcionam como arcabouços ou esquemas vazios de conteúdo, preenchidos apenas quando de sua realização concreta; não são esquemas rígidos.

Conforme Van Dijk (1989), a estrutura básica do texto científico possui uma justificativa, a colocação do problema, uma solução e uma conclusão. Para a explicação do problema, levantam-se hipóteses e sugerem-se expectativas (predições). A comprovação das expectativas só é possível após o resultado dos testes experimentais. Só depois da comprovação é que se pode chegar às conclusões. E é baseada nessas conclusões que se pode confirmar ou não as

hipóteses, e demonstrar se foi encontrada uma explicação adequada (solução) às observações originais.

Conforme Gomes (2000), os artigos científicos teriam sua estrutura-padrão alicerçada por cinco pilares básicos: *contextualização; apresentação do estudo; metodologia; resultados obtidos ou prováveis; e o ponto de vista.*

**Contextualização:** contém informações que são usadas para situar o leitor no contexto em que está inserido o tema central do texto. Nos artigos científicos, a seção contextualização estaria sob designações como justificativa, colocação do problema e hipóteses. A intenção do autor nessa seção é destacar a relevância e fundamentar o estudo apresentado;

**Apresentação do estudo:** contém dados sobre o(s) estudo(s) enfocado(s), consiste num breve relato sobre uma pesquisa, uma experiência ou uma nova técnica já desenvolvida ou em desenvolvimento. É nessa seção que, em geral, são encontradas respostas para as perguntas-chave: quem?, para quê?, o quê?, quando?, que se referem, respectivamente, aos participantes, aos objetivos, ao assunto e ao período de realização ou previsão do trabalho;

**Metodologia:** contém informações sobre o método de trabalho para o desenvolvimento do estudo apresentado. Às vezes, nessa seção, há uma grande preocupação com a exposição de todas, ou quase todas, as etapas da investigação;

**Resultados:** contém os resultados de estudos concluídos ou resultados parciais ou previsões, no caso de as pesquisas ainda estarem em desenvolvimento;

**Ponto de vista:** contém, explícita ou implicitamente, o ponto de vista do autor sobre o assunto tratado. Essa seção pode vir inserida em outras seções, muitas vezes de forma implícita, o que a faz permear praticamente todo o texto. A identificação do ponto de vista é feita observando o conteúdo em si e as marcas linguísticas que indicam a presença da subjetividade do autor, como os modais, as perguntas retóricas, os quantificadores, os superlativos e alguns verbos e advérbios.

Uma estrutura bastante simples de um artigo científico deve conter, conforme Marcantonio (1993), uma introdução, um corpo do trabalho ou texto propriamente dito, conclusão ou resultados, indicação das referências e a bibliografia em geral.

Segundo Lakatos e Marconi (1991), o artigo científico apresenta as seguintes partes:

### 1 Preliminares:

**Cabeçalho** – título (e subtítulo) do trabalho: O objetivo é dar a conhecer ao leitor o conteúdo essencial do artigo; deve espelhar o foco de atenção do artigo; deve ser adequado e conciso. Não se deve sobrecarregá-lo com o seguinte: informações expressas em forma de abreviaturas (exceto quando universalmente conhecidas ou nomes de projeto); informações entre parênteses; fórmulas gráficas ou caracteres desconhecidos no idioma utilizado na revista; referências bibliográficas. Quando necessário, colocar, no fim do título, símbolo indicativo sobre as condições em que este trabalho foi feito. O símbolo remete para o rodapé da primeira página, onde aparece a explicação necessária;

**Autor(es):** A ordem dos autores na autoria do artigo é feita de comum acordo. Em geral, quem escreve a parte principal do artigo deve vir em primeiro lugar; quem apenas supervisionou o trabalho todo, fica no final.

**Credenciais do(s) autor(es):**

**Local de atividade:** Endereço(s) deve(m) aparecer de acordo com o veículo de publicação.

### 2 Sinopse:

O objetivo do resumo não é servir de introdução ou de apresentação do conteúdo na ordem em que eles aparecem. É um parágrafo composto de frases coerentes com os objetivos pretendidos e as conclusões alcançadas no artigo; agregar, sem sobrecarregar demais, todo o tipo de informação nova, mas relevante, que contenha o artigo.

Conforme Bhatia (1993), o resumo contém informação sobre os seguintes aspectos da pesquisa que ele descreve: 1- O que o autor fez?; 2- Como o autor fez?; 3- O que o autor encontrou?; 4- O que o autor concluiu?

Essas quatro perguntas se relacionam aos seguintes quatro movimentos (moves):

**Introduzir propósitos:** Dá uma indicação precisa da intenção do autor, tese ou hipótese que forma a base da pesquisa. Pode também incluir as metas ou objetivos da pesquisa ou o problema que o autor deseja manipular;

**Descrever metodologia:** O autor dá uma boa indicação do projeto experimental, incluindo informações sobre os dados, processos ou método(s) usados e, se necessário, o escopo da pesquisa;

**Sumariar resultados:** O autor menciona suas observações e descobertas e também sugere soluções do problema, posto no primeiro movimento (move);

**Apresentar conclusões:** O objetivo é interpretar resultados e fazer inferências. Inclui alguma indicação das implicações das presentes descobertas.

Quanto ao conteúdo, o resumo deve incluir, de forma detalhada mas sucinta, os resultados e conclusões do artigo, ajustando-se ao espaço a ele destinado. Deve, adicionalmente, indicar dentro dos limites, todo tipo de informação nova, mas relevante, que contenha o artigo.

O resumo tem duas finalidades principais: Proporcionar aos leitores informações suficientes que lhes permitam julgar se é conveniente fazer uma leitura aprofundada do texto. Acelerar a atividade dos serviços de uma biblioteca ou de rede de prestação eletrônica de serviços bibliográficos.

Recomenda-se um resumo com 200 a 250 palavras, respeitando os limites impostos pela publicação. E qualquer que seja o idioma em que esteja escrito o artigo original (exceto inglês), recomenda-se publicar o resumo também em inglês, para facilitar sua difusão internacional.

### 3 Corpo do artigo<sup>1</sup>:

**Introdução:** apresentação do assunto, objetivo, metodologia, limitações e proposições. Um leitor deveria obter a ideia principal do artigo pela primeira página, ou seja, pelo resumo e pela seção introdutória. Deve, de preferência, receber um nome diferente de Introdução, que focalize a área de estudo. Deve explicar adequadamente o problema, para o qual se deve apresentar uma solução;

**Texto:** exposição, explicação e demonstração do material; avaliação dos resultados e comparação com as obras anteriores;

**Comentários e conclusões:** inferência, baseada e fundamentada no texto, de forma resumida. Deve apresentar as conclusões tiradas do trabalho desenvolvido e apresentar sugestões de trabalhos futuros e problemas ainda não resolvidos. Esta seção deve iniciar com uma breve sentença introdutória amarrando a seção com o problema declarado na introdução. É desejável acrescentar uma sentença ou duas sobre tais limitações (se não resolvido por inteiro), como, por exemplo, pelo método usado ou pela amplitude do estudo. Conclusões devem ser escritas de maneira a ser compreensível para alguém que não tenha lido o corpo do trabalho. Como regra geral, não se deve incluir argumentos na declaração de uma conclusão. Se argumento ou justificativa são necessários, eles deveriam estar em texto precedente ou em discussão que acompanhe a conclusão. Não se deve incluir também material novo nas conclusões: todo material do qual conclusões e recomendações são derivadas deveria estar no corpo do artigo.

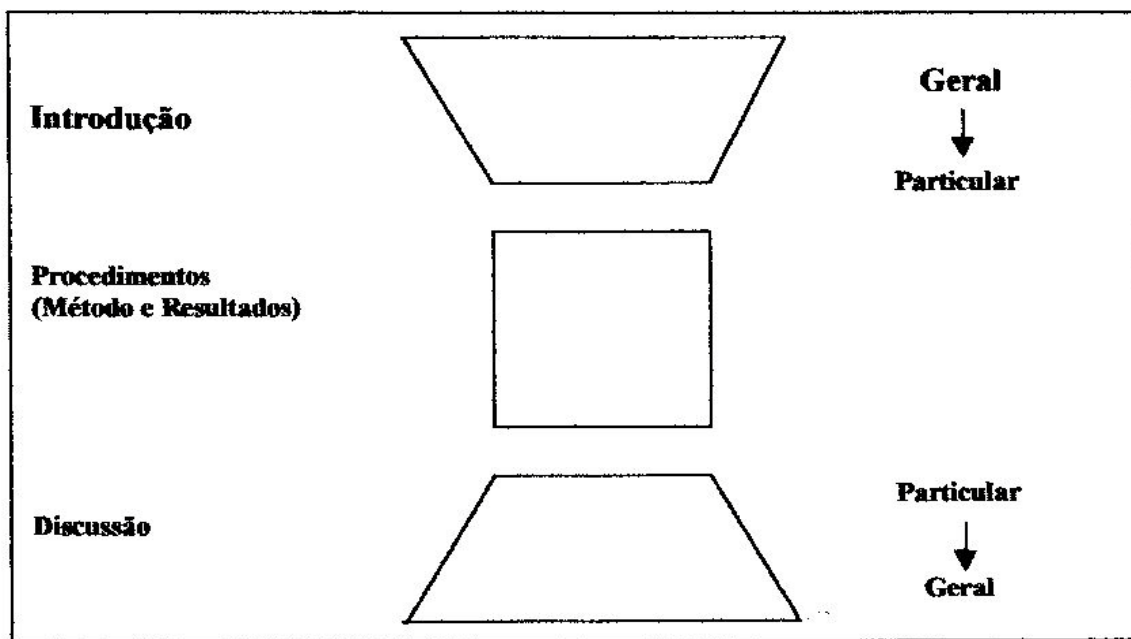
### 4 Parte referencial:

**Bibliografia;**

**Apêndices ou anexos** (quando houver necessidade);

**Data**<sup>2</sup>.

Segundo Swales (1990), existe um grande número de propostas para a análise da superestrutura do AC; dentre elas, estão as seguintes propostas, a de Stanley (1984), que propõe uma estrutura Problema-solução; Bruce (1983) sugere o formato Introdução-Método-Resultados-Discussão, que segue um ciclo lógico de uma investigação indutiva; Hill et al apresenta uma superestrutura no formato de um relógio de areia, representado no diagrama a seguir.



Fonte: Hill et al (1982, citado por Swales, 1990, p. 134).

Embora esse diagrama seja derivado de dois artigos da área de Psicologia, Swales (1990) afirma que um AC “faz a transição do campo geral ou do contexto do experimento para o experimento específico pela descrição de uma inadequação em investigações prévias que motivam o presente experimento”. O diagrama acima serve bem para o modelo chamado IMRD (Introdução-Método-Resultado-Discussão).

A seção introdução normalmente inclui uma revisão de pesquisas anteriores. Uma possível perspectiva é ver essa seção como textos problema-solução. Essa posição é adotada por Zappen (citado por Swales, 1990). A análise de

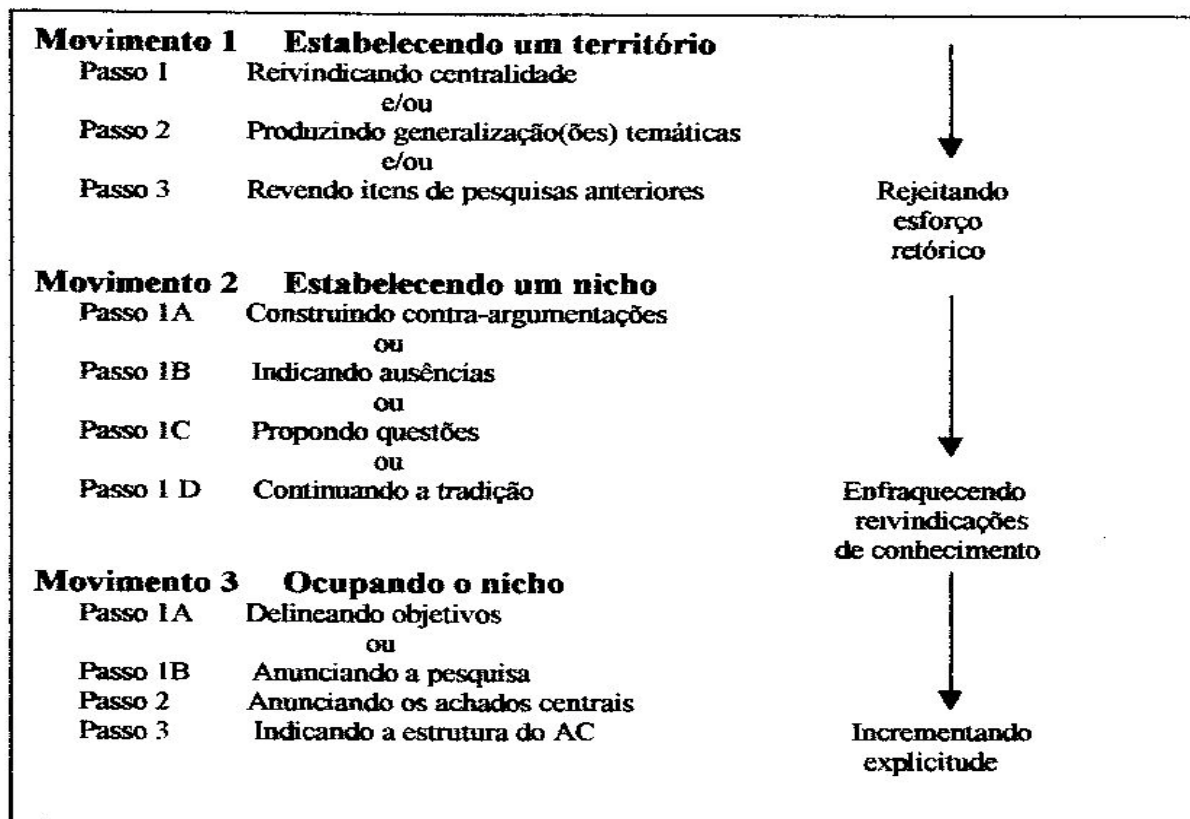
<sup>1</sup> A divisão do Corpo do artigo pode sofrer alterações, de acordo com o texto, e ser subdividido em mais itens. Todavia, não convém que os artigos sejam muito divididos, para que o leitor não perca a sequência.

<sup>2</sup> Importante para salvaguardar a responsabilidade de quem escreve um artigo científico, em face da rápida evolução da ciência e da tecnologia e demora de certas editoras na publicação de trabalhos.

Introdução de Zappen segue esta série de subcontextos: *objetivo, capacidade atual, problema, solução e critérios de avaliação*.

Swales apresenta um modelo alternativo de introdução, chamado de “Create a Research Space – CARS” (Criando um Espaço de Pesquisa), o qual apresenta 3 estágios (moves), que desempenham funções retóricas diversas. Esses movimentos ou estágios formam conjuntos que constroem a estrutura da introdução; internamente, cada movimento pode abrigar alguns passos (steps) opcionais. Em cada um desses movimentos, há formas típicas de enunciados que concretizam os passos.

### MODELO CARS PARA A SEÇÃO INTRODUÇÃO DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS



Fonte: Swales (1990, p. 141), Figura 10.

Comparado com o modelo de Zappen, o Movimento 1 abarcaria o objetivo e a capacidade atual, o Movimento 2 estaria relacionado com o problema e o Movimento 3, com a solução e os critérios de avaliação.

Já a seção Método consiste simplesmente numa descrição detalhada ou sumária dos passos a serem seguidos e levanta a metodologia, as teorias possíveis ou os experimentos; ocupando não mais que alguns parágrafos. Essa seção pode ser recolocada para o final do AC. A seção Resultados descreve o processo de manipulação dos dados obtidos da seção Método e faz só limitadas declarações sobre os testes estatísticos.

E a seção Discussão faz explanações das descobertas estatísticas e também muitas declarações sobre as descobertas da pesquisa. Belanger (citado por Swales, 1990), afirma que a estrutura desta seção está mais correlacionada com o número e o tipo de perguntas da pesquisa situada na seção Introdução dos ACs.

Concluindo, pode-se observar, em relação às diferenças e semelhanças de estruturas textuais entre os tipos de artigos científicos que estes apresentam formas diferentes de textualização do conteúdo temático, porém contêm uma estrutura básica, consistindo de: título, nome do autor, introdução, corpo do artigo, conclusão e referências. Essa diferenciação se dá porque os gêneros são eventos comunicativos caracterizados por um conjunto de propósitos comunicativos (função) e por serem tipos relativamente estáveis de enunciados (estrutura); ou seja, a estrutura do Artigo Científico é condicionada à função social do mesmo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmar aqui que estudantes sabedores do que seja o gênero Artigo Científico, seu objetivo comunicacional, seus tipos e estrutura têm maior possibilidade de produzirem esse gênero textual do que estudantes não possuidores de tais informações é repetir o óbvio a essas alturas.

Exemplificando, o simples fato de se ter uma televisão, um DVD, um computador ou algo desse gênero não significa que o proprietário sabe utilizá-los da melhor forma possível. Analogamente, o simples fato de o estudante ter

tais informações sobre o gênero Artigo Científico não significa que conseguirá produzi-lo satisfatoriamente. Para ter domínio de tais aparelhos, o proprietário terá de ler seus manuais, só assim, conseguirá usufruir bem deles; assim também, só de posse do conhecimento sobre o Artigo Científico é que o estudante conseguirá produzi-lo da melhor forma possível.

Sendo assim, a explicitude do caminho que o estudante tem a percorrer é de suma importância. Tentou-se oferecer ao estudante um “esquema” que o auxiliasse em seu empreendimento em relação ao ato de produzir artigo científico. Um “esquema”, porque se acredita que a descrição do gênero Artigo Científico aqui explicitado não é o único. É mais uma ajuda ao estudante.

Além disso, o estudante deverá ter em mente, como já mencionado anteriormente, que apenas o fato de ele ter em mãos tais conhecimentos não o habilitarão a produzir artigo científico, pois não se trata de fórmula mágica; é necessário também muito treino, isto é, muitas escrituras. É o casamento do exposto aqui com a prática de produção desse gênero que o estudante conseguirá bons frutos.

#### **4. REFERÊNCIAS**

- Benveniste, Émile, 1991, “Problemas de Linguística Geral I”, 3. ed., Pontes/Editora Universidade Federal de Campinas, Campinas, Brasil.
- Bhatia, Vijay K, 1993, “Analysing Genre: Language use in professional setting”, Longman, London/New York.
- Bronckart, Jean-Paul, 1999, “Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo”, EDUC, São Paulo, Brasil.
- Coracini, Maria José, 1991, “Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência”, Pontes, São Paulo, Brasil.
- Gomes, Isaltina Maria de Azevedo Mello, 2000, “A divulgação científica em Ciência Hoje: características discursivo-textuais”, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Lakatos, E. M. e MARCONI, M. de A., 1991, “Fundamentos de metodologia científica”, 3. ed. rev. e ampl., Atlas, São Paulo, Brasil.
- \_\_\_\_\_, 1996, “Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados”, 3. ed., Atlas, São Paulo, Brasil.
- Leibruder, Ana Paula, 2002, Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica, In: Brandão, H. N. (org.), “Aprender e ensinar com textos”, Vol. 5, Cortez, São Paulo, Brasil, pp. 229-269.
- Marcantônio, A. T., Santos, M. M. e Lehfeld, N. A. de S., 1993, “Elaboração e divulgação do trabalho científico”, Atlas, São Paulo, Brasil.
- Swales, John M, 1990, “Genre analysis: English in academic and research settings”, Cambridge University Press, Cambridge.
- Van Dijk, Teun. A., 1989, “La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario”, Paidós, Barcelona, Espanha.
- \_\_\_\_\_, 1992, “Cognição, discurso e interação”, Contexto, São Paulo, Brasil.

#### **5. DIREITOS AUTORAIS**

O autor é o único responsável pelo conteúdo do material impresso incluído no seu trabalho.